



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
MASSAS

**Órgão do Partido
Operário Revolucionário**
☎ (11) 95446-2020
№ 24 - 29/5/2024



Manifesto do Partido Operário Revolucionário (POR)

Teatralização da ONU diante do genocídio na Faixa de Gaza

A prepotência do Estado sionista se deve aos Estados Unidos

A hipocrisia burguesa de reconhecimento da Palestina se estampa com o prosseguimento da carnificina em Rafah

As manifestações em todo o mundo devem ser fortalecidas pela organização de uma frente única anti-imperialista

Impulsionar as bandeiras de retirada imediata das forças sionistas invasoras, fim do genocídio e autodeterminação do povo palestino

Lutar sob a estratégia revolucionária por uma República Socialista na Palestina e pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio

No dia 24 de maio, a Corte Internacional de Justiça (CIJ) da ONU aprovou a resolução que exige a imediata interrupção da ofensiva militar em Rafah, no sul da Faixa de Gaza. Ao mesmo tempo, a Corte sediada em Haia, Holanda, exige que o Hamas liberte incondicionalmente os reféns apreendidos na operação militar de 7 de outubro de 2023 em Israel. Nessa mesma resolução, apregoa que Israel deixe de bloquear a passagem dos comboios de ajuda humanitária em Rafah, na fronteira com o Egito. António Guterres, secretário-geral da ONU, declarou que as decisões da CIJ devem ser “devidamente respeitadas”. O tribunal da ONU se viu premido a responder ao pedido da África do Sul, que vem insistindo sobre a necessidade de parar com o genocídio dos palestinos. Quatro dias antes dessa decisão, o Tribunal Penal Internacional (TPI), que julga autoridades e não Estados, condenou o primeiro ministro de Israel, Netanyahu e líderes do Hamas à prisão, que deve ser cumprida pelos 124 países signatários. Segundo os juízes do TPI, tanto o primeiro ministro israelense quanto os dirigentes do Hamas cometeram “crimes de guerra contra a humanidade”.

O movimento de trabalhadores e da juventude, que vêm lutando há oito meses contra a opressão nacional exercida pelo Estado de Israel sobre o povo palestino, está diante de mais uma teatralização. A destruição e a matança na Faixa de Gaza, que chegou a casa dos 36 mil mortos, respondem à determinação do Estado sionista de anexar completamente o que resta de território que abriga os palestinos. Essa foi a trajetória estabelecida desde a constituição formal do Estado de Israel, decidida entre 1947 e 1948 pela ONU. Os Estados Unidos assumiram no lugar da Inglaterra o objetivo de concretizar o pleito do movimento sionista organizado no final do século XIX.

A instalação de um enclave no Oriente Médio, resultante de uma nova partilha após a Segunda Guerra Mundial, atendia à necessidade do imperialismo norte-americano afirmar a sua hegemonia internacional. O movimento sionista pequeno-burguês, apoiado e embalado pelo capital financeiro e por Estados como o da Inglaterra e, em seguida, o dos Estados Unidos, passava a servir definitivamente aos interesses do imperialismo em controlar o Oriente Médio. O sionismo tornou-se um instrumento para os Estados Unidos e aliados da Segunda Guerra combater o nacionalismo árabe que se despontou desde a Primeira Guerra nas condições de desintegração do Império Otomano. Era evidente que a criação do Estado de Israel desencadearia uma guerra de expulsão dos palestinos de suas terras e apropriação de seu território.

Com mais de 70 anos, a colonização sionista chega ao seu auge com a segunda ocupação militar da Faixa de Gaza, cujos sinais de genocídio são inconfundíveis. Ocorre nas condições de um cerco econômico e policial a essa pequena porção territorial que resistiu por meio das Intifadas e da organização militar do Hamas, sobretudo. O recuo da primeira ocupação da Faixa de Gaza foi substituído pelo cerco que transformou 2,3 milhões de palestinos em prisioneiros de um “campo de concentração a céu aberto”. Concomitantemente, a burguesia sionista avançou a colonização da Cisjordânia, sob a Autoridade Palestina servil do imperialismo.

Os Estados Unidos não só patrocinaram a artificial criação do Estado de Israel como passaram a controlá-lo com o financiamento de bilhões de dólares anuais e com o fornecimento de armas. Por meio da ONU, o imperialismo alimentou o colonialismo sionista. Agora, se chegou à etapa em que o genocídio é

praticado em nome da segurança e da existência do Estado de Israel, na Faixa de Gaza, e o violento impulso à colonização, na Cisjordânia. O massacre que passou do norte para o sul da Faixa de Gaza caminha livremente em Rafah. Os bombardeios mais recentes já ceifaram a vida de 66 palestinos, ampliando a matança para mais de 36 mil.

É monstruosa a teatralização da ONU e de seus tribunais quando o Estado sionista e seu amo, os Estados Unidos, desconhecem e zombam descaradamente de suas resoluções. Fazem parte desse jogo macabro as manobras em torno à constituição de um Estado palestino, segundo a resolução da ONU de dois Estados, aprovada em 1948, e os acordos de Oslo em 1993. Resoluções e acordos foram rasgados, pisoteados e encharcados de sangue palestino. Para continuar apoiando o Estado sionista, os Estados Unidos e aliados europeus levantam a bandeira de uma paz sem o Hamas e sob a intervenção de forças externas que estão claramente do lado de Israel. Biden mantém o fornecimento de armas de precisão, apropriadas ao bombardeio de cidades e populações. A aprovação pelo Congresso norte-americano de mais recursos para assegurar a continuidade da política sionista encarnada pela ultradireita e encabeçada pelo governo de Netanyahu representa apoio ao genocídio. Eis por que depois das decisões do TPI e CIJ e diante dos ataques em Rafah, os Estados Unidos saíram em defesa de Israel e de seu governo, e minimizaram a matança que se seguiu. Por mais que a ONU finja condenar as mortes de civis e os Estados Unidos finjam pressionar Netanyahu a tomar mais cuidado com as ações militares, a prepotência do Estado sionista e a tragédia vivida pelos palestinos na Faixa de Gaza jogam por terra o cinismo do imperialismo.

As massas oprimidas em várias partes do mundo estão do lado do povo palestino e de sua luta contra a colonização sionista. As manifestações diante do ataque em Rafah, na França e Inglaterra, foram duramente reprimidas para que não se encorpassem e servissem de exemplo aos trabalhadores da Europa e outros continentes. Mesmo nos Estados Unidos, onde o movimento estudantil de ocupação das universidades foi disperso pela violência policial e punição institucional, a manifestação pró-palestinos mostrou o rechaço ao genocídio e condenou o apoio de Biden. Em vários países árabes, a mobilização reagiu à passividade e ao colaboracionismo dos governantes e da feudal burguesia.

Este ato que realizamos no Brasil é parte de um amplo movimento internacional contra o genocídio. Não está mais fortalecido porque as direções sindicais e políticas que se reivindicam dos trabalhadores e que condenam verbalmente o genocídio continuam na passividade. Essa conduta reflete as diretrizes do governo Lula, que também não aceita a matança, mas não rompe com o Estado sionista. As pressões das organizações sionistas no Brasil são poderosas. Influenciam o Congresso Nacional, os governantes e os militares. As manifestações ainda não conseguiram passar por cima desses poderosos bloqueios, mas refletiram o movimento antissionista e anti-imperialista que se ergueu e se mantém vivo em todo o mundo.

Está nas mãos da classe operária, dos demais trabalhadores e da juventude oprimida a tarefa de potenciar as bandeiras que se chocam com a dominação imperialista e que abrem caminho para a unidade dos

explorados travar a batalha pela defesa da autodeterminação da nação oprimida e pelo fim do genocídio.

O Partido Operário Revolucionário e o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) têm se empenhado em impulsionar as manifestações e constituir a frente única anti-imperialista desde as fábricas às escolas. Têm criticado a conduta passiva das direções sindicais, populares e estudantis. Em particular, o POR rejeita as posições ambíguas e inconsequentes do governo Lula, que reflete as pressões dos Estados Unidos e das forças político-parlamentares que se ajustam ao sionismo.

O aparato de propaganda do sionismo voltado a combater o movimento pró-palestina como se fosse expressão do antissemitismo é poderoso. O alinhamento em torno às posições de Biden da imprensa brasileira é gigantesco. Essas forças agem em favor do sionismo como se o Estado de Israel fosse a consolidação da luta do povo judeu contra o antissemitismo.

A opressão sofrida pelos judeus no transcurso milenar da história não poderia e não pode ser resolvida nos marcos do capitalismo em decomposição. Não será oprimindo os palestinos e praticando o genocídio que os judeus poderão conservar o seu lugar na história e fazer parte do objetivo de eliminar toda forma de opressão nacional, que tem em sua base a opressão de classe.

O antissemitismo sobreviveu à derrocada do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial. Não pôde ser eliminado porque tem profundas raízes na sociedade de classes. Ao oprimir barbaramente os palestinos, o sionismo favorece a emersão do antissemitismo. Tais forças compõem o nacionalismo reacionário e obscurantista. Ao contrário da campanha do aparato sionista em favor da ocupação militar da Faixa de Gaza e, assim, em favor de todas suas consequências que ferem os princípios elementares da humanidade, o Estado sionista não está em posição de combate ao antissemitismo. A luta contra o genocídio e pela autodeterminação da nação oprimida é a via para superar o sionismo e eliminar definitivamente o nacionalismo antissemita.

O programa que responde historicamente à questão judia e à opressão sofrida pelos palestinos é aquele que une judeus, palestinos e árabes sob uma República Socialista da Palestina, que se imporá mais cedo ou mais tarde como parte da luta pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio, que por sua vez se erguerá nos marcos da revolução mundial dirigida pelo proletariado.

Trabalhadores e juventude oprimida, toda força à luta do povo palestino por sua autodeterminação. Pelo fim do genocídio na Faixa de Gaza! Organizar desde as fábricas às escolas a frente única anti-imperialista. Esse é o caminho da vitória da civilização contra a barbárie.

LANÇAMENTO!

PALESTINA

GUERRA NA FAIXA DE GAZA E GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO

Posição e resposta do internacionalismo proletário

R\$ 40

PALESTINA
GUERRA NA FAIXA DE GAZA E GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO
POSICÃO E RESPOSTA DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Somente a classe operária e os demais trabalhadores, organizados, unidos e em luta podem derrotar o Estado sionista de Israel, os Estados Unidos e aliados.

Adquira já com o distribuidor do Jornal Massas.

